

## A ORIGINALIDADE DA EXPERIÊNCIA EXISTENCIAL E A PLURICULTURALIDADE DOS JOGOS DE LINGUAGEM: FOMENTOS DE TRANSFORMAÇÕES

**Francisco ESTEFOGO**

*Universidade de Taubaté*

**Resumo:** Este ensaio objetiva refletir sobre o processo fenomenológico relacionado à consciência humana como modalidade de existência e, portanto, a dimensão constitutiva do existir e da construção dos saberes na qualidade de fomento de transformações que, como são inexoravelmente atravessadas pela linguagem, é um dos focos da Linguística Aplicada. A centralidade desta reflexão se situa na convergência entre como os sentidos, os conhecimentos e a subjetividade, construídos pela experiência do corpo, bem como da linguagem em uso podem ser recursos condutores de mudanças. Este estudo está pautado nos principais conceitos de Merleau-Ponty (1975, 1991, 1992, 1994) no que se refere à **articulação** entre nosso ser interior e o mundo sensível que, como consequência, instaura significados, transcendendo os signos do sistema linguístico. Conjugada a essa discussão teórico-filosófica, as concepções de Wittgenstein (1993, 1999) serão abordadas no que concerne aos modos de vida e aos contextualizados jogos de linguagem (WITTGENSTEIN, 1999), construídos e incorporados em *práxis* comunicativas, multidiversas e pluri interculturais. A relevância deste estudo para a Linguística Aplicada reside no fato da importância de se trazer à baila que o papel da linguagem, além de possibilitar a comunicação e a descrição da realidade, é imprescindível para o incremento de vicissitudes. As considerações finais serão elaboradas sob à ótica das reflexões acerca das interfaces dos dois filósofos da linguagem relacionadas à conexão da figuração do mundo no que diz respeito à originalidade da experiência existencial para o impulso das renovações, fundamentadas na construção dos sentidos, na percepção, na subjetividade, tal qual nos jogos de linguagem.

**Palavras-chave:** Subjetividade; Experiência existencial; Jogos de linguagem; Fenomenologia; Transformação.

### THE ORIGINALITY OF EXISTENTIAL EXPERIENCE AND THE PLURALITY OF LANGUAGE GAMES: PROMOTING TRANSFORMATION

**Abstract:** this essay aims to reflect on the phenomenological process related to human consciousness as a modality of existence and, therefore, the constitutive dimension of existence and construction of knowledge as a fostering of transformations, which are inexorably crossed by language, the core of Applied Linguistics. The centrality of this reflection lies in the convergence between how senses, knowledge and subjectivity, built by the experience of the body, as well as language in use, can be resources that lead to changes. This study is based on

the main concepts of Merleau-Ponty (1975, 1991, 1992, 1994) regarding the articulation between our inner being and the sensitive world, which, as a consequence, establish meanings, transcending the signs of the linguistic system. Conjugated to this theoretical-philosophical discussion, Wittgenstein's conceptions (1993, 1999) will be treated, in particular, concerning ways of life and contextualized language games (WITTGENSTEIN, 1999), incorporated and built in a communicative, multidiverse and pluri intercultural praxis. The relevance of this study for Applied Linguistics lies in the fact that the role of language, in addition to enabling communication and the description of reality, is essential for promoting transformations. The final considerations will be elaborated from the perspective of the reflections about the interfaces of the two philosophers of language related to the connection of the figuration of the world, regarding the originality of the existential experience for the push for renovations, based on the construction of the senses, on the perception, on the subjectivity, as well as on language games.

**Keywords:** Subjectivity; Existential experience; Language games; Phenomenology; Transformation

## LA ORIGINALIDAD DE LA EXPERIENCIA EXISTENCIAL Y LA PLURALIDAD DE LOS JUEGOS DE LENGUAJE: PROMOVRIENDO LA TRANSFORMACIÓN

**Resumen:** este ensayo pretende reflexionar sobre el proceso fenomenológico relacionado con la conciencia humana como modalidad de existencia y, por tanto, la dimensión constitutiva de la existencia y construcción del conocimiento como propiciadora de transformaciones, que son inexorablemente atravesadas por el lenguaje, núcleo de la Lingüística Aplicada. La centralidad de esta reflexión radica en la convergencia entre cómo los sentidos, el saber y la subjetividad, construidos por la experiencia del cuerpo, así como el lenguaje en uso, pueden ser recursos que conduzcan a cambios. Este estudio se basa en los principales conceptos de Merleau-Ponty (1975, 1991, 1992, 1994) en cuanto a la articulación entre nuestro ser interior y el mundo sensible, que, en consecuencia, establece significados, trascendiendo los signos del sistema lingüístico. Conjugadas a esta discusión teórico-filosófica, se tratarán las concepciones de Wittgenstein (1993, 1999), en particular, sobre modos de vida y juegos de lenguaje contextualizados (WITTGENSTEIN, 1999), incorporados en una praxis comunicativa, multidiversa y pluri intercultural. La relevancia de este estudio para la Lingüística Aplicada radica en la importancia de sacar a la luz que el papel del lenguaje, además de posibilitar la comunicación y descripción de la realidad, es fundamental para la promoción de transformaciones. Las consideraciones finales serán elaboradas desde la perspectiva de las reflexiones sobre las interfaces de los dos filósofos del lenguaje en relación a la conexión de la figuración del mundo en cuanto a la originalidad de la experiencia existencial para impulsar las renovaciones, a partir de la construcción de los sentidos, en la percepción, en la subjetividad, así como en los juegos de lenguaje.

**Palabras clave:** Subjetividad; experiencia existencial; juegos de lenguaje; Fenomenología; Transformación.

## INTRODUÇÃO

Ameaças ambientais, desigualdades sociais, crise sanitária e humanitária, miséria, opressão, negacionismo, guerras pelo poder, polarizações ideológicas e políticas. Esses cenários sombrios, que assolam o mundo moderno e limitam a potência de agir da humanidade, impõem, de alguma maneira, formas de vida que deveriam, *a priori*, transcender este momento sócio-histórico de forma a resistir e expandir, conforme Liberali e Megale (2019) propõem. Além dessas propriedades, tipicamente humanas, também é preciso suscitar transformações, principalmente, a partir de dois capitais *commodities* humanos: a nossa existência e a nossa linguagem. Essa faculdade e fenômeno humanos são estreitamente imbricados, mais particularmente, com a construção dos sentidos, da mesma forma que com a relação entre o corpo, o sensível e a estruturação da subjetividade, além da consciência perceptiva e da dinamicidade da linguagem.

Para explicar esse processo do viver e da construção cotidiana dos sentidos, grosso modo, Merleau-Ponty (1975, 1991, 1992, 1994), por um lado, pauta-se no elo entre a experiência existencial, ou seja, a corporeidade e a sensorialidade, como essência do ser humano. Por outro, baseado na conexão entre o pensamento e a estrutura do mundo, Wittgenstein (1999), de forma geral, explica a linguagem dentro de uma forma de vida lógica, com base, no que ele denomina, nos jogos de linguagem.

Apesar de o foco de Merleau-Ponty (1975, 1991, 1992, 1994) ser a elaboração subjetiva com lastro na experiência entre o corpo e o mundo, e o de Wittgenstein (1999) descrever as complexidades que gravitam em torno da linguagem, ambos pensadores concebem o fenômeno do cotidiano como cenário imprescindível para se debruçar nas suas investigações.

Este ensaio objetiva refletir sobre os aspectos fenomenológicos da consciência humana como modalidade de existência e, à vista disso, a dimensão constitutiva da experiência existencial e da construção de saberes, permeadas pela linguagem, cerne da Linguística Aplicada, na qualidade de fomento de transformações. A centralidade deste estudo se situa na convergência entre os sentidos, os conhecimentos e a subjetividade, construídos pela experiência do corpo e a linguagem em uso como elementos catalisadores de mudanças.

Para tanto, serão discutidos os principais conceitos **merleau-pontianos concernentes à** confluência entre nosso ser interior com o mundo sensível, que, como consequência, institui

significados, transcendendo os signos. De acordo com Merleau-Ponty (1994), somos constituídos de uma estrutura psicológica, com base no entrelaçamento das searas corpóreas vivas, principalmente, relacionadas aos aspectos afetivos, históricos, sociais e culturais.

Articulada a essa discussão, na mesma toada que sobrepõe a construção do significado com base na mera relação palavra-objeto, as concepções de Wittgenstein (1993, 1999) serão abordadas, em particular, no que tange às formas de vida e aos contextualizados jogos de linguagem (WITTGENSTEIN, 1999), construídos e incorporados em *práxis* comunicativas multidiversas, pluri e interculturais.

Por final, reflexões serão elaboradas no sentido de aprofundar o entendimento sobre interfaces dos dois filósofos da linguagem relacionadas à conexão da figuração do mundo no que se refere à originalidade da experiência existencial para o engendramento de transformações, apoiadas na construção dos sentidos, da percepção e da subjetividade, como também dos jogos de linguagem de Wittgenstein (1999).

## **O MUNDO PLURICULTURAL**

O desenvolvimento da capacidade perceptiva assentado na relação corpórea com o mundo, segundo Merleau-Ponty (1975, 1994), é central para se compreender a experiência fenomenológica da vida. Essa proposição suscita o questionamento de como a objetividade é usualmente compreendida, na medida em que todo viver é único, ímpar e subjetivo, além, inequivocadamente, fértil, fecundo e agentivo. Por conseguinte, a subjetividade é fluída, dado que, para Merleau-Ponty (1975, 1994), o nosso corpo é o instrumento que medeia o limite entre o interno e o externo. Nesse movimento, a consciência perceptiva e a ordinária operacionalização corporal se fundem. Mais particularmente, a atividade do comportamento humano, que está circunscrita pela percepção ao mediar a relação do indivíduo com o mundo pluri e intercultural, constitui-se nas contingências ininterruptas das atividades humanas (MERLEAU-PONTY, 1975). Nesse sentido, a objetividade não é uma faculdade absoluta, mas o desfecho da convergência das percepções, dos movimentos dos corpos e dos discursos de todos os integrantes da sociedade (SANTOS, 2021).

Diante disso, a filosofia de Wittgenstein (1999) também oportuniza a reflexão sobre os dogmas, doutrinas e prescrições, já que a linguagem em uso faculta a criação de novos sentidos

e conhecimentos, componentes fundamentais para a origem de transições e o questionamento do *status quo*. A linguagem é um artefato pluri e intercultural de concepção do mundo. Contudo, seu papel de retratar e mobilizar a sociedade não se limita à trivial análise dos significados que os itens lexicais normal e tradicionalmente desencadeiam.

O processo de sociabilização é fundamental para a construção dos sentidos e significados. Para Wittgenstein (1999), essa dinâmica se configura a partir da interface entre a posição individual do sujeito atrelada ao papel indispensável da sociedade. Por consequência, todo significado é construído de forma intersubjetiva a partir da pluri e da interculturalidade inerente ao mundo.

Apesar de Wittgenstein (1999) e Merleau-Ponty (1994) focarem seus estudos na relação ativa de desenvolvimento e na formação do indivíduo pelo contexto sócio-histórico-cultural e, assim, emoldurarem a subjetividade, ambos filósofos asseveram que não podemos viver isolados da sociedade. Como não somos meros observadores do mundo, mas elementos integrantes ativos e agentivos do tecido social, ao interagirmos com outros indivíduos, compartilhamos a convivência de um espaço comum e, imersos nessa pluri e interculturalidade, construímos novos sentidos e, portanto, novas realidades e transformações.

## **A SUBJETIVIDADE FLUIDA**

A despeito do fato de a nossa subjetividade ser concebida na relação com o meio social e, por isso, na e pela linguagem, de acordo com as perspectivas wittgensteiniana e pontiana, seguramente não apenas herdamos o legado de outras formas de vida, o que implicaria numa atitude conservadora dos modos de viver. Pelo contrário, temos liberdade para fazer as nossas escolhas e, destarte, poder mudar o contexto, uma vez que o mundo não está – e nunca será – totalmente pronto. Esse leque de infindáveis interpretações dos fenômenos implica que podemos negar e romper com dogmas, normas, regras e atos colonizadores, já que a produção de novos sentidos imprime a faculdade da intencionalidade e do emergir do inédito. Logo, a subjetividade não é um fenômeno previsível. Diversamente, ela é indeterminada e ambígua, pois se fosse assim, para os dois pensadores, o engajamento com o meio social não seria possível, tampouco o erigir de novos sentidos.

No mais, além de o nosso percurso sócio-histórico ser ímpar, principalmente, porque a temporalidade circunscreve a nossa ação no mundo, a esfera social multidiversa deve ser compreendida como um território fértil que germina pluriculturas e, particularmente, inéditas dimensões da existência. Dessa forma, a julgar que os jogos de linguagem (WITTGENSTEIN, 1999), pormenorizados mais adiante, caracterizam-se por sua pluralidade e diversidade, este ensaio entende que a originalidade da experiência existencial, manancial de conhecimentos e da subjetividade, é fulcral para o engendramento de mudanças e transformações. Nesse sentido, Santos (2021) postula que:

O contato com o mundo passa a ser pensado por Merleau-Ponty, do início ao fim, como um contato intencional natural, cujo modo originário é o entrecruzamento da percepção e do gesto. Esse contato primordial define o domínio da experiência originária do mundo, domínio habitado por sentidos mudos, que constituem o solo da intencionalidade discursiva (SANTOS, 2021, p. 37).

Entende-se, desse jeito, que a intencionalidade discursiva, gênese de novos jogos de linguagem, é fruto do ineditismo da experiência do viver, atrelada à construção e à fluidez da subjetividade, em virtude de a vida ser dinâmica.

## INTERFACES PONTIANAS E WITTGENSTEINIANAS

Embora haja uma certa aproximação de concepções no que tange à subjetividade entre os dois filósofos, foi Merleau-Ponty (2000) quem aprofundou as implicações políticas desse pensamento. Mais particularmente, conforme as concepções pontianas, é exatamente o contexto sócio-histórico-cultural que oportuniza as transformações, sobretudo, a partir da linguagem. Estamos no bojo do exercício de nossa liberdade ao meio de um ambiente multidiverso, à primeira vista, finito, em direção ao infinito, dada a nossa inevitável experiência humana de infinitude, de transcendência, de criação e, assim, de rompimento com os limites, a colonização e as fronteiras.

Essa capacidade humana, *sui generis*, decorrente da multiplicidade de oportunidades das nossas relações com o meio linguístico, imbricado na multidiversa esfera social, concebe a linguagem como um artefato produtivo pluri e intercultural que não apenas descreve o mundo, mas o transforma, a contar pela atividade humana seguramente produtiva. Segundo Merleau-Ponty (1975), é possível conhecer a potência da linguagem atuante como fomento de

transformações apenas de dentro e por meio da *práxis* social. No mais, essa nova perspectiva da linguagem autoriza Wittgenstein (1992, p. 27) afirmar que “[...] a filosofia é uma luta contra o fascínio que certas formas de expressão exercem sobre nós”.

Nesse sentido, Merleau-Ponty (1975, 1991, 1994) também tem uma outra similaridade com Wittgenstein (1999), no que diz respeito aos dogmatismos que a filosofia clássica de até então, já que tentou elaborar um *logos* para a existência. A relação corpórea com o mundo, por exemplo, que nutre a gênese da linguagem e, logo, do conhecimento e dos sentidos, permite compreender, para Merleau-Ponty (1975, 1991, 1992, 1994), a estrutura ontológica, visto que, na tessitura social, tanto os aspectos físicos como os psicológicos são emoldurados e ressignificados.

Nesse esteio, também criticando um idealismo apregoado pela tradição filosófica, Wittgenstein (1999) igualmente questiona o referencialismo lógico concernente ao domínio das palavras sobre os objetos, além do perfeccionismo, ou seja, a proposição que leva a apenas um resultado. Desse jeito, as visões ontológicas e epistemológicas tradicionais, principalmente da seara do idealismo, são criticadas por Wittgenstein (1999) uma vez que as ideias e representações do mundo não são rígidas, uniformes, cristalizadas e referenciais. Contrariamente, são fluídas, multidiversas, pluri e interculturais.

Merleau-Ponty (1992) resume o equívoco dos postulados filosóficos tradicionais – e, na perspectiva deste ensaio, visões deturpadas do papel da linguagem - ao afirmar que “[...] só conseguimos reduzir a filosofia a uma análise da linguagem se assumirmos que a linguagem contém sua evidência em si mesma” (1992, p. 131). Wittgenstein (1993) similarmente ratifica suas oposições às concepções filosóficas clássicas ao pontuar que:

[...] a filosofia tem por objetivo a elucidação lógica dos pensamentos. A filosofia não é um corpo doutrinal, mas uma atividade. Uma obra filosófica consiste essencialmente de elucidações. A filosofia não resulta “em proposições filosóficas”, mas sim na elucidação de proposições. Sem a filosofia, os pensamentos são por assim dizer nebulosos e indistintos: sua tarefa é torná-los claros e bem delimitados (WITTGENSTEIN, 1993, p. 112).

À guisa do exposto, assume-se que o papel da filosofia é elucidar as concepções opacas, e nessa toada, a supressão da liberdade. Com vistas às formas livres de ser e agir no mundo, a

linguagem ganha destaque como artefato cultural dinamizador para transformar a realidade. Conjugada a esse ativo particularmente humano, a originalidade da experiência existencial e a pluralidade dos jogos de linguagem, construídos a cada nova vivência, são recursos absolutamente impreteríveis para prospectar transformações.

## **A DIMENSÃO PLURICULTURAL DOS JOGOS DE LINGUAGEM**

A dimensão pluricultural do mundo nos autoriza a ser livres para expressar, apoiados em diferentes e inéditos jogos de linguagem (WITTGENSTEIN, 1999), todo e qualquer conteúdo que se possa imaginar. Dessarte, podemos pensar e dizer o que quisermos pautados numa perspectiva determinada, como a realização de um feito situado em um espaço de infinitas possibilidades, ou seja, o mundo (SANTOS, 2021). Entende-se, dessa forma, que novos jogos de linguagem (WITTGENSTEIN, 1999), elaborados com assente em conceitos e atividades sociais inéditos, podem transformar o nosso viver. Essas percepções, em relação ao papel da seara social na constituição dos jogos de linguagem (WITTGENSTEIN, 1999), são construídas de forma viva e pluri intercultural pelos indivíduos, dado o tempo e o espaço. Wittgenstein (1999) define jogos de linguagem com a explanação abaixo:

Chamarei também de jogos de linguagem o conjunto que consiste na linguagem e das ações com as quais está interligada. [...]. E essa pluralidade não é algo fixo, um dado de uma vez por todas, como poderíamos dizer, nascem e outros envelhecem e são esquecidos. [...]. Aqui, o termo jogo de linguagem pretende salientar que o falar da linguagem é parte de uma atividade, ou de uma forma de vida (WITTGENSTEIN, 1999, §7d).

Complementando a proposição acima, Marcondes (2007) explica essa dinamicidade e pluralidade dos jogos de linguagem com os seguintes dizeres:

Novos jogos surgem, outros desaparecem, a linguagem é algo de vivo, dinâmico, que só pode ser entendido a partir das formas de vida, das atividades de que é parte integrante. O uso da linguagem é uma prática social concreta. Por isso, a análise consiste agora em examinar os contextos de uso, considerar exemplos, explicar as regras do jogo (MARCONDES, 2007, p. 275).

Apreende-se, então, que os sentidos e os conhecimentos são decorrentes da relação do indivíduo com a coletividade pluri e intercultural, num determinado contexto sócio-histórico-

cultural, com o suporte de uma ferramenta que promova a interação social cujo papel a ser realizado é emoldurado pela cultura na qual foi construída, isto é, a linguagem. Em outras palavras, como Wittgenstein (1999) define, são os jogos de linguagem construídos, contextualizados e incorporados, dentro de uma forma de vida lógica e em *práxis* comunicativas, que possibilitam a construção dos conhecimentos, dos sentidos e da subjetividade. A considerar os jogos de linguagem (WITTGENSTEIN, 1999), os significados são concebidos com base no uso das manifestações linguísticas, compreendidos nos diferentes e multidiversos contextos e circunstâncias sociais.

Sendo assim, de acordo com Wittgenstein (1999), a linguagem, como artefato cultural de formulação do mundo, não pode se expirar fundada na mera análise dos significados decorrentes, por exemplo, de componentes lexicais apenas, em razão de o sentido e o significado não estarem atrelados aos componentes linguísticos, mas a todos os modos possíveis de atividades e vivência. Dito de outra forma, a elaboração do significado não é estabelecida pela forma de proposição, tampouco pelo sentido de seus integrantes linguísticos, ou por sua conexão com os fatos. Santos (2021) sintetiza a interseção entre a linguagem, o mundo e a subjetividade (corpo) ao afirmar que “[...] o conhecimento do mundo é fruto da elaboração subjetiva, sensível e conceitual, de um conjunto de dados que, por meio de nossos órgãos dos sentidos, o mundo nos provê” (SANTOS, 2021, p. 32).

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Este ensaio teve como objetivo refletir acerca das perspectivas fenomenológicas da consciência humana como modo de existência e, por conseguinte, a dimensão que estrutura a experiência existencial e a subjetividade. Esse transcurso, fundamentado na linguagem, é entendido como um viés seminal edificador de saberes para incentivar transformações mais que necessárias, no mundo pós-pandêmico, desigual, incerto, silenciador, oprimido e polarizado.

Com o aporte nas proposições de Merleau-Ponty (1975, 1992, 1994) e Wittgenstein (1993, 1999), é lícito supor que a construção dos sentidos e dos conhecimentos é decorrente do processo de sociabilização, depreendido como multidiverso e pluri intercultural; portanto, todo significado é intersubjetivamente construído. Esse movimento nos torna livres para fazermos as nossas escolhas, refutar e romper com dogmas, normas, regras, ideais, atos colonizadores e

opressores, considerando que a concepção de novos sentidos incute a intencionalidade, bem como a pluri e a interculturalidade.

Destarte, como a nossa liberdade subjaz à esfera social multidiversa, dada a nossa inexorável experiência humana de infinitude e de transcendência, as transformações e as mudanças que precisamos se pautam na nossa original potência e capacidade de criação e, assim, de ruptura com os limites, os domínios, a colonização e as balizas.

No mais, a seara social multidiversa oportuniza inéditas dimensões da existência. Desse modo, o ineditismo da experiência existencial, que é veiculada pela linguagem e engendra conhecimentos inéditos e a subjetividade, é central para o fomento de mudanças e transformações.

Mais particularmente, a pluralidade dos jogos de linguagem (WITTGENSTEIN, 1999), concebidos com base no uso das manifestações linguísticas, e compreendidos nos diferentes e multidiversos contextos e circunstâncias sociais, dentro de uma forma de vida lógica e multidiversas *práxis* comunicativas, outorgam a construção dos saberes, dos sentidos, da subjetividade e da intencionalidade.

A julgar que a Linguística Aplicada é uma ciência social indisciplinar, transgressiva e crítica na produção de saberes sobre a vida social hodierna (MOITA LOPES, 2006), este ensaio é pertinente para os estudos dessa ciência por trazer à baila o fato de que a condição *sui generis* de renovação do ser humano, ou seja, a originalidade da sua existência, possibilita, a partir da *práxis* social, o engendramento de novos jogos de linguagem e da subjetividade, como assegurado por Wittgenstein (1999). Por consequência, a concepção de novos sentidos, que vicejam a intencionalidade, é também construída. À luz dessa dinâmica, é patente afirmar que as transformações são decorrentes do ineditismo da experiência corpórea humana, como discutido por Merleau-Ponty (1975, 1992, 1994), comungada com o querer e, indubitavelmente, com a linguagem que se renova a cada novo dia. Ressalta-se que esse movimento está inelutavelmente relacionado com a coletividade, pois a linguagem é um fenômeno integralmente social.

Depreende-se, então, com base nesta reflexão, que a complexidade dos jogos de linguagem, construídos e imbricados em contextos multidiversos, pluri e interculturais, podem

desenhar no horizonte prelúdios para ações mais auspiciosas no tocante às transformações. A intersecção corpo-linguagem-sociedade-tempo e seus desdobramentos, em relação ao desenvolvimento da consciência perceptiva e da subjetividade, sinalizam ser potenciais catalisadores de resistência e de mudanças. Forjar democraticamente diferentes práticas sociais e, conseqüentemente, novos jogos de linguagem, pode ser uma alternativa para desenvolver inéditos *ethos*. Em outras palavras, o fato de estar imerso na pluri e interculturalidade fomenta maneiras diversas de avaliar, produzir e disseminar discursos relacionados à subjetividade, aos valores, às formas livres de ser e agir no mundo multifacetado, com suas peculiaridades multimodais, multimidiáticas, multidiversas e interculturais. Com posse dessa pujante *commodity*, peculiarmente humana, transformações tendem a ser mais exequíveis, demandas imperiosas da realidade caótica contemporânea.

## REFERÊNCIAS

- LIBERALI, F.; MEGALE, A. Alfabetização, letramento e multiletramentos em tempos de resistência. São Paulo: Pontes, 2019.
- MARCONDES, D. Iniciação à história da filosofia: dos pré-socráticos a Wittgenstein. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.
- MERLEAU-PONTY, M. A prosa do mundo. São Paulo: Cosac & Naify, 2002.
- MERLEAU-PONTY, M. A natureza. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- MERLEAU-PONTY, M. Fenomenologia da percepção. São Paulo: Martins Fontes, 1994.
- MERLEAU-PONTY, M. O visível e o invisível. São Paulo: Perspectiva, 1992.
- MERLEAU-PONTY, M. Signos. São Paulo: Martins Fontes, 1991.
- MERLEAU-PONTY, M. A estrutura do comportamento. Belo Horizonte: Interlivros, 1975.
- MOITA LOPES, L. P. (org.). Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar. São Paulo: Parábola, 2006.
- ROMDENH-ROMLUC, K. (ed.). Wittgenstein and Merleau-Ponty. New York: Routledge, 2017.
- SANTOS, L. H. L. dos. Sobre Merleau-Ponty, Husserl, Wittgenstein: fenomenologia e dogmatismo. Discurso, v. 51, n. 1, p. 31-40, 2021.

WITTGENSTEIN, L. Investigações Filosóficas. São Paulo: Editora Nova Cultural, 1999.

WITTGENSTEIN, L. Tractatus logico-philosophicus. São Paulo: EDUSP, 1993.

### **Francisco ESTEFOGO**

Membro titular da Academia Taubateana de Letras (ATL), é pós-doutor em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (2017) sob a supervisão da Profa. Dra. Fernanda Coelho Liberali. Possui doutorado (2005) e mestrado (2001) em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. No momento, é pós-doutorando em filosofia na Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP), sob a supervisão do Prof. Dr. Marcelo Silva de Carvalho, bem como na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUCSP), sob a supervisão da Profa. Dra. Yolanda Gloria Gamboa Muñoz. Foi professor da graduação do Centro Universitário Capital por 14 anos e da Cultura Inglesa São Paulo, por 12 anos, bem como coordenador da Faculdade Cultura Inglesa e professor convidado da Coordenadoria Geral de Especialização, Aperfeiçoamento e Extensão - PUC/SP (COGEAE). Atualmente é diretor acadêmico da Cultura Inglesa Taubaté e professor do Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada da Universidade de Taubaté (UNITAU) e colunista do jornal Hoje+, de Araçatuba e do O Vale, do Vale do Paraíba, SP.

*Recebido em 05/março/2023 - Aceito em 10/maio/2023.*